DEFESA VEGETAL

GRANDES CULTURAS, GRANDES DESAFIOS

REGINA SUGAYAMA
Mestre e doutora em Biologia pelo Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo (IB/USP)

O MONOCULTIVO em áreas extensas cria um ambiente favorável ao estabelecimento de novas pragas; a oferta de alimento é praticamente ilimitada, e não há, pelo menos no início do processo de colonização, fatores bióticos de regulação da população. A situação torna-se ainda mais crítica em regiões onde o cultivo é realizado ao longo de todo o ano com plantas hospedeiras. É verdade que nem todas as espécies que chegam a uma nova localidade conseguem estabelecer-se, e, segundo estimativas realizadas no hemisfério Norte, 90% delas fracassam nos estágios iniciais do processo de invasão. No entanto, uma vez que consigam se estabelecer, poderão, eventualmente, alcançar níveis populacionais alarmantes e provocar perdas econômicas.

SOBREAVISO PARA O INGRESSO DE NOVAS PRAGAS

O fato de a *Helicoverpa armigera* reunir os diversos fatores de risco mencionados e sua grande semelhança morfológica com uma espécie nativa do continente americano (*Helicoverpa zea*) podem ter contribuído para que a espécie tenha permanecido anos nas lavouras do Brasil sem ser detectada. O histórico da *H. armigera* no País coloca autoridades e produtores de sobreaviso para a possibilidade de entrada de outras pragas com o mesmo potencial de impacto econômico. E, inevitavelmente, isso vai acontecer. As questões a serem respondidas pela pesquisa são: de quais espécies, quando e por onde ocorrerá a entrada.

É o caso, por exemplo, de vinte espécies que atacam as culturas de soja, milho, algodão e feijão que vieram de outras partes do mundo e, hoje, são pragas destes cultivos. Citem-se, por exemplo, o fungo mancha foliar (*Phaeosphaeria maydis*), detectado ano de 1902 na cultura do milho; o coleóptero bicudo-do-algodoeiro (*Anthonomus grandis*), em 1983; o fungo da ferrugem asiática (*Phakopsora pachyrhizi*) na soja, em 2001; e a helicoverpa (*Helicoverpa armigera*), em 2013, presente nas culturas de soja, algodão, feijão e milho.

O número de detecções aumentou a partir da década de 1980, o que pode ser resultado de dois fatores que não se excluem mutuamente: a maior estruturação de grupos de pesquisa agrícola no Brasil e o aumento de comércio/turismo internacional. Mais do que fazer um inventário de problemas, os dados históricos devem servir como guias para predizer que outras espécies têm maior probabilidade de entrar no Brasil nos próximos anos, com vistas a orientar ações públicas e privadas de vigilância e combate.

Diversos fatores contribuem para aumentar a probabilidade de introdução (entrada + estabelecimento) de uma espécie: a associação a atividades humanas, a capacidade de sobreviver ao transporte internacional, o comportamento polífago, a capacidade de sobreviver em campo a condições adversas, a alta plasticidade genética, a alta capacidade reprodutiva, a capacidade de dispersão ativa e, até mesmo, a semelhança com outras pragas já presentes no País. ■

(Na próxima edição: *O perigo mora ao lado*)